

# Memórias de Lutas de Grilos no Início do Século XX

As Peças do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau

ALEXANDRINA COSTA

## INTRODUÇÃO

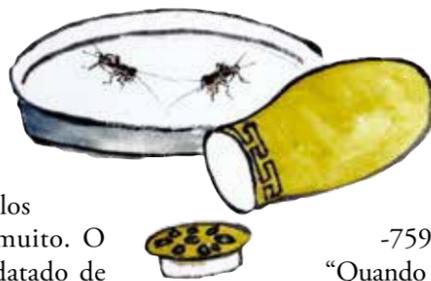
Na China o apreço pelos grilos surge documentado desde de há muito. O “Livro das Odes” (*Shijing* 诗经), datado de 1100-600 a.C. refere-os, já, num pequeno poema<sup>1</sup>:

“Em Maio o *Shi Zhong* (“grilo do mato”)<sup>2</sup> mexe as pernas; em Junho o *Sha Ji*<sup>3</sup> move as asas; em Julho o grilo do mato está no campo; em Agosto está no pátio; em Setembro está à porta; em Outubro os grilos entram e rastejam por baixo das nossas camas”.

Contudo, a forma como aquele apreço se exprimiu foi-se modificando ao longo dos tempos. Desde a Antiguidade até à dinastia Tang, os grilos foram apreciados pelo som que emitiam, sendo considerados como símbolos do Verão e da coragem mas, na dinastia Tang (618-906), começaram a ser mantidos em gaiolas para se poder ouvir o seu “concerto” a todas as horas,

\* Alexandrina Costa é Doutoranda na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desenvolve uma tese intitulada “A China: Tradições e Representações no acervo do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau” (Lisbon). Autora do livro *A Coleção dos Objectos para o Fumo do Ópio do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau* (2013), é colaboradora da *Artis: Revista de História da Arte e Ciências do Património*, assim como da *Artis ON* (<http://artison.letras.ulisboa.pt/>).

Currently a Ph.D. student at the Faculty of Arts, University of Lisbon, where she is developing a dissertation entitled ‘A China: Tradições e Representações no acervo do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau’ (Lisbon). Author of the book *A Coleção dos Objectos para o Fumo do Ópio do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau* (2013), she is also a contributor to *Artis: Revista de História da Arte e Ciências do Património* and to *Artis ON* (<http://artison.letras.ulisboa.pt/>).



tal como é relatado pelo *Kaiyuan Tianbao yi shi* 开元天宝遗事 (“Assuntos do período Tian Bao, 742-759”)<sup>4</sup>:

“Quando chega o Outono, as senhoras do palácio apanham grilos e guardam-nos em pequenas gaiolas douradas que colocam próximo das suas almofadas de modo a poderem ouvir o seu canto durante toda a noite. Este hábito foi copiado por todas as pessoas”.

Na verdade, embora até as crianças se entretivessem a brincar com os grilos, não só gente comum mas também poetas famosos, pintores, músicos e monges budistas aderiram a este passatempo elegante, facilitado pela disponibilidade, em cada Verão, de insectos “cantores”, para venda, tradição que ainda hoje se mantém.<sup>5</sup>

É do conhecimento geral que o apreço pela natureza faz parte da cultura chinesa, sintetizando a expressão *hua niao yu chong* 花鸟鱼虫 (“flores, pássaros, peixes e insectos”), as tradições ligadas à manutenção quer de pequenas plantas fáceis de cuidar,<sup>6</sup> quer de pequenos animais como os pássaros e os peixes de aquário. A expressão usada para as designar, “cultura *hua niao yu chong*” revela que, para além da apreciação da beleza natural que as rodeia, estas actividades detêm, também, uma dimensão espiritual e levaram à criação e desenvolvimento de um manancial de conhecimentos, competências e instrumentos que reflectem o domínio técnico e artístico da China, aos quais se juntaram textos literários e poéticos<sup>7</sup> que chegaram até aos nossos dias:



## The Cricket's Song<sup>8</sup>

Someone living abroad once said: “Last night I heard a cricket chirr and mistook it for the one I heard at the countryside of Sichuan.”

From the courtyard  
To the corner of my room the cricket sings  
Chirrup, chirrup  
Suddenly it jumps  
From a crack in the stone steps  
To the pillow where, white-haired, I lay my head  
Pushed from the edge of yesterday  
To this corner of the world today  
The cricket is heard but not seen  
I search everywhere for it  
No trace in the blue sky  
No sign in the earth  
Even in my breast I can't find that little ticker  
The evening rain lets up  
The moon outside my window  
Delivers the sound of woodcutting  
The stars roil  
Chirrup, chirrup  
The cricket's song is like a purling rill  
Childhood drifts downstream  
Tonight I'm not in Chengdu  
My snoring is not a longing for home  
And the chirrup in my ears weaves an unending song  
I can't recall the year, the month, or the evening  
In what city or village  
Or in what small train station I heard it  
Chirrup, chirrup  
The one I hear tonight surprises  
Chirrup, chirrup  
Its song  
Meanders like the Jialing River beside my pillow  
There is no boat for hire so late at night  
I can only swim with the current  
The waves at the Tree Gorges reach to the sky  
Monkeys cry on both shores  
Fish  
Spicy fish on a blue porcelain platter  
Chirrup, chirrup  
Which cricket is it that really sings?  
The Cantonese one seems the loneliest  
The Sichuan one, the saddest  
The Beijing one, the noisiest  
The Hunan one, the spiciest



But  
When I wake  
It's the cricket in Sanli Lane that  
Sings the softest and most dearly of them all  
Chirrup, chirrup

Como veremos, as lutas dos grilos e o culto dos mesmos integram-se perfeitamente na categoria *chong* que inclui, ainda, outros insectos como os louva-a-deus, os gafanhotos, as cigarras e as borboletas.<sup>9</sup>

## CAPTURA DOS GRILOS

Não há consenso acerca do período em que a apreciação pelos grilos se transformou, dando origem a um novo desporto, as lutas de grilos. Segundo alguns autores tal terá ocorrido na dinastia Song (906-1278),<sup>10</sup> enquanto outros referem a dinastia Tang.<sup>11</sup> De qualquer modo, os primeiros registos fiáveis datam da dinastia Song, quando já estava estabelecida a sofisticada cultura das lutas de grilos e iniciado o processo de a elevar de um divertimento a uma arte.<sup>12</sup>

Inicialmente todos os grilos destinados às lutas eram obtidos no campo, através de “caçadores”<sup>13</sup> que detinham um profundo conhecimento das características daqueles insectos, do seu comportamento e ciclo de vida, como o facto de que no norte da China os grilos eclodem na última parte do Verão e no Outono, enquanto no sul tal ocorre imediatamente antes da época das chuvas.<sup>14</sup> Dado que são insectos noturnos, que emergem das suas tocas entre a meia-noite e a alvorada,<sup>15</sup> a sua captura desenrolava-se, normalmente, à noite.

Atraídos pela luz colocada junto às tocas, expulsos das mesmas pelo fumo de carvões a arder, fugindo ao alagamento dos seus refúgios ou aliciados pelo *longyan* 龙眼 (“olho de dragão”),<sup>16</sup> os grilos eram capturados com a ajuda de uma simples rede<sup>17</sup> e metidos em pequenos cestos, ou gaiolas,<sup>18</sup> para serem vendidos aos intermediários ou directamente aos aficionados pelas lutas de grilos.

No entanto, pelo menos a partir do século VII, alguns entusiastas dedicaram-se à criação de grilos, evidenciando cuidados quase maternos,<sup>19</sup> que chegaram a rondar a obsessão. Tal terá sido o caso de Jia Sidao 贾似道 (1213-1275), estadista<sup>20</sup> da dinastia Song e primeiro autor de um livro sobre a criação e o treino dos grilos de combate, o *Cu zhi jing* 促织经



## COLECCIONISMO

## COLLECTING

(“Livro dos grilos”) que, por causa da sua preocupação constante com aqueles insectos, terá negligenciado os deveres militares ao ponto de os Mongóis terem podido conquistar a China.<sup>21</sup>

## LUTAS



Talvez por viverem sós, em buracos na terra, e não aceitarem que outros ocupem os seus domínios, os grilos são naturalmente predispostos à luta. Em caso de confronto os dois rivais saltam, atacam e mordem a cabeça um do outro num combate que termina, muitas vezes, com a morte de um deles que poderá, eventualmente, ser devorado pelo vencedor.<sup>22</sup>

No entanto, os grilos só podem começar a lutar quando o seu corpo atingiu a maturação total o que, no norte da China, ocorre depois do equinócio do Outono. Até lá necessitam de ser cuidadosamente tratados, deixados em sossego e providos de muita comida.<sup>23</sup>

Através de uma longa experiência, os chineses desenvolveram um sistema de selecção, tratamento e treino de potenciais vencedores de lutas. De acordo com os especialistas, os bons lutadores emitem um som forte, têm grandes pescoços e cabeças, pernas longas e corpos amplos.<sup>24</sup> No seu livro *Jia Sidao* afirma que criar grilos é como criar soldados e, segundo Berthold Laufer, de modo geral os chineses acreditam que os bons lutadores são encarnações de grandes heróis do passado que, como tal, devem ser tratados com todo o respeito.<sup>25</sup>

De qualquer modo, tal como quaisquer outros lutadores, os grilos necessitam de um período de treino pelo que entram em combates ligeiros que permitem aos seus donos determinar os pontos fortes e fracos e ajustar a condição física dos seus combatentes. Para tal, aqueles dispõem de diversas táticas, entre as quais se contam uma dieta especial e secreta, medicamentos de índole tradicional chinesa e até, em casos extremos, a administração de drogas entre as quais, alegadamente, se conta a heroína. Mesmo sem atingir tais extremos,

Fig. 1. Luta de grilos, c.1820s-1830s. Aguarela sobre papel de arroz; 18,5x26,5 cm. Coleção da Art Gallery of Greater Victoria, inv. Psc 125.11.



Fig. 2. Amor pela luta de grilos, 1855. Litografia publicada no *Dianshizhai Huabao*.

a simples prática de esfregar mentol na testa do grilo, tornava o oponente pouco predisposto à luta.<sup>26</sup>

Não admira pois que para evitar que grilos afectados por drogas participem em combates existam, por vezes, regras que obrigam os grilos a ficarem encerrados em contentores selados, durante doze horas antes do combate.<sup>27</sup>

Pretendendo-se que os combates se travem entre opositores equiparados em tamanho, peso e cor,<sup>28</sup> os contendores são cuidadosamente avaliados previamente.

Como tal, são pesados em balanças específicas para os insectos,<sup>29</sup> diminutas e extremamente precisas. Há limites de peso para os candidatos às lutas como os estabelecidos em Xangai, onde os combates só se podem travar entre grilos cujo peso esteja entre cerca de 0,51 e 0,74 g.<sup>30</sup>

Dado que os grilos seleccionados são ainda divididos em várias classes,<sup>31</sup> para lhes proporcionar

mais hipóteses de sucesso, tal como ocorre no box profissional, os donos tentam diminuir-lhes o peso antes do combate, administrando-lhes laxantes ou reduzindo a quantidade de água no seu corpo, quer aquecendo a “casa” do combatente com um secador de cabelo, quer colocando nela dessecantes.<sup>32</sup>

Os torneios podem ser disputados em espaços públicos (*vide* Fig. 1) ou em casas<sup>33</sup> ou clubes (*vide* Fig. 2). O confronto tem lugar em arenas circulares ou ovais, de paredes espessas, normalmente feitas em barro cozido, (*vide* Fig. 8), mas só depois de o árbitro ter anunciado os combatentes e evocado as suas proezas passadas.<sup>34</sup> Então, cabe aos donos incitar os combatentes à luta, acirrando-os com “espevitadores”<sup>35</sup> (*vide* Fig. 1 e Fig. 10). Esta acção é considerada tão importante para o desfecho da luta que as melhores técnicas de manipular estão compiladas em manuais.<sup>36</sup>

Quando a luta não é de morte termina logo que um dos grilos fuja do seu opositor, ou quando aquele

## COLECCIONISMO

## COLLECTING

bata as asas em sinal de vitória, sagrando-se vencedor do torneio o grilo que ganhar três de cinco lutas ou duas de três.<sup>37</sup>

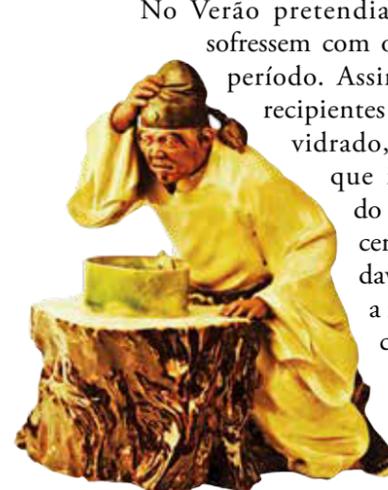
Um pequeno grupo escultórico que integra o acervo do M-CCCM (*vide* Fig. 3), executado em cerâmica de Shiwan,<sup>38</sup> representa bem o término emocionante de uma luta de grilos.

Sentados em grandes pedras, dois chineses observam a luta que os seus grilos travam numa arena circular pousada sobre o tronco, cortado, de uma árvore. É fácil compreender a quem pertence o grilo vencedor ou o derrotado. O dono do vencedor, sorridente, relaxado e expressão sarcástica, abana-se com um leque, enquanto o dono do perdedor observa incrédulo o seu grilo a tentar fugir da arena e denota na sua expressão, na tensão do corpo e na mão direita pousada na cabeça o desespero sentido pela derrota que poderia, eventualmente, acarretar a ruína financeira, dado que as apostas monetárias sempre acompanharam de perto as lutas de grilos.<sup>39</sup>



Fig. 3. Luta de grilos, c. 1978; Lao Chin (1916-?) e Lao Iat Fung (filho de Lao Chin). Terracota vidrada de Shiwan; inv. 718 e inv. 719, 19,8x23,5. cm. Museu do CCCM, Lisboa.

dependem de vários factores, o primeiro dos quais se relaciona com a sua “morada”, que era distinta no Verão e no Inverno.



No Verão pretendia-se que os grilos não sofressem com o calor habitual naquele período. Assim, eram colocados em recipientes de barro cozido e não vidrado, com paredes espessas que impediam a passagem do calor e mantinham uma certa humidade. Os oleiros davam-lhes, normalmente, a forma de potes circulares com tampa plana e não estanque<sup>41</sup> (*vide* Fig. 4), ou de pequenas cabaças. Por seu turno, no Inverno eram utilizadas cabaças

verdadeiras que muitas vezes adquiriam o estatuto de obras de arte<sup>42</sup> onde se colocava uma

mistura de cal e barro arenoso para maior conforto do utente,<sup>43</sup> ou contentores em bambu, chifre de rinoceronte, pedra sabão, etc., no caso de aficionados abonados. Para os restantes existiam caixas metálicas com base dupla e secção em forma de feijão, de modo a poderem adaptar-se aos bolsos<sup>44</sup> e manterem o grilo quente.

Os exemplares inv. 106 e inv. 107 do M-CCCM (*vide* Fig. 5) são deste tipo e, tal como é comum nesta tipologia, dispõem de painéis de vidro laterais, possivelmente para possibilitarem uma observação rápida do insecto, bem como de tampa perfurada para permitir a passagem do ar.<sup>45</sup>

Do acervo do M-CCCM fazem, ainda, parte outros tipos de contentores, usados para o transporte



Fig. 5. Contentores de Inverno para grilos; início do século xx. Latão e vidro. Em cima: inv. 106, 6 x 6,2x3,8 cm. Em baixo: inv. 107 (2 vistas), 9x11,2x4,2 cm. (vista frontal e traseira). Museu do CCCM, Lisboa.



Fig. 6. Contentores para grilos; início do século xx. À esquerda: inv. 142 (2 vistas), 11x6,5 cm., vime. Ao centro: inv. 144, 3x7,9 x 4 cm., bambu. À direita: inv. 143, 11x6,5 cm., vime. Museu do CCCM, Lisboa.

de grilos, ilustrados na Fig. 6. As duas peças idênticas, inv. 142 e inv. 143 foram já referidas anteriormente como exemplo dos contentores onde eram encerrados os grilos apanhados no campo. De formato semelhante a pequenas garrafas, estreitam para o fundo e fecham através de uma tampa amovível executada no mesmo material do corpo, ou seja, vime.

Quanto à peça inv. 144, corresponde à descrição de Jing Xing-Bao para o que designa como caixa para grilos.<sup>46</sup> Trata-se de uma caixa sensivelmente paralelepípedica, em bambu, cujo topo é um vidro deslizante e a base um painel de bambu, com movimento idêntico. Num dos lados mais estreitos existe uma “janela” dupla para arejamento, protegida exteriormente por grades de bambu e, interiormente, por uma rede, enquanto no lado oposto está colocado o alimentador (visível na Fig. 6).

Dado que a alimentação é um factor importantíssimo para a saúde dos grilos, sejam eles cantores ou lutadores, a dieta daqueles insectos é detalhada por vários autores. Graças a esse cuidado foi possível comparar o “menu” do final do primeiro

quartel do século xx<sup>47</sup> com o do início do xxi<sup>48</sup> de onde parece ressaltar que, tal como a alimentação dos seres humanos, também a dos grilos se tornou muito mais completa e variada. À base alimentar de 1927 constituída, no Verão, por pepino fresco, alface e outras verduras e, no Inverno, por castanhas e feijões amarelos, que os cuidadores mastigavam cuidadosamente antes de os darem aos seus grilos, acrescida com arroz, sementes de lótus e mosquitos, para os lutadores,<sup>49</sup> juntam-se hoje carnes (porco, rã, cobra) bem como peixes e mariscos, tudo devidamente triturado.<sup>50</sup>

De qualquer modo, os alimentos não eram simplesmente colocados dentro do recipiente do grilo, mas numa pequena taça, normalmente de porcelana pintada sob o vidrado com decoração alusiva ao reino animal (peixes dourados, carpas, grilos, dragões, borboletas, etc.) ou vegetal (*vide* Fig. 7).

Para cada grilo havia sempre um par de taças idênticas,<sup>51</sup> sendo uma delas reservada para os alimentos e a outra para a água. Acreditando-se que esta, tal como a alimentação, tinha grande importância na saúde dos lutadores, nunca lhes era dada água saída directamente da torneira: alguns aficionados usavam água mineral, enquanto outros diluíam alcaçuz, ginseng coreano ou outros tipos de produtos medicinais vegetais, em água quente que depois deixavam arrefecer.<sup>52</sup>

Uma pipeta e uma pequena colher com um longo cabo permitiam voltar a encher os recipientes que, no entanto, deviam ser mudados com frequência, para o que se utilizavam pinças.<sup>53</sup>

Dado que qualquer contacto com o grilo podia acarretar a perda de força ou, até, das pernas daquele, era imperioso que todos os manuseamentos dentro do seu contentor fossem executados cuidadosamente e com os instrumentos apropriados.<sup>54</sup>

A higiene era igualmente importante, devendo os grilos tomar banho a cada três ou cinco dias, no tempo quente, e uma vez por semana quando

a temperatura baixava. Para o banho, os grilos eram colocados numa taça com água onde se tinha diluído alcaçuz e, quando a sujidade começava a flutuar,



Fig. 7. Taças para alimentados grilos; início do século xx. Porcelana pintada sob o vidrado. À esquerda: inv. 1589, 1,5x3,2 cm.; à direita: inv. 148, 1,5x3,5cm. Museu do CCCM, Lisboa.



Fig. 4. Contentores de Verão para grilos, início do século xx. Terracota cinzenta não vidrada. Em cima: inv. 294, 7x12 cm. Em baixo: inv. 293, 5,6x10,8 cm.; inv. 295, 6x10,5 cm. Museu do CCCM, Lisboa.

## COLECCIONISMO

eram retirados com uma rede e colocados sobre uma folha de papel para secarem.<sup>55</sup> De modo idêntico, o recipiente do grilo devia ser, também, periodicamente limpo com uma escova especial, igualmente não representada no acervo do M-CCCM.

Sempre que o grilo não estava encerrado no seu contentor havia perigo de fuga. Para impedir tal situação foram criadas redes (*vide* Fig. 9)<sup>56</sup> que, embora singelas, desempenhavam um papel importante.<sup>57</sup>

Todos os cuidados atrás referidos tinham por objectivo garantir a saúde dos contendores que se defrontavam numa arena, habitualmente circular, que podia ser executada em diversos materiais como a terracota, possivelmente o mais habitual, a madeira ou a cerâmica de Shiwán, sendo estes dois últimos materiais os preferidos em Guangzhou e Hong Kong.<sup>58</sup>



Fig. 9. Conjunto de arena de luta e de contentor para transporte de utensílios; início do século xx. Contentor: inv. 159, 12x9 cm., metal pintado. Rede: inv. 139, 10x8 cm., vime. Museu do CCCM, Lisboa.

Para combates privados, destinados a um público muito restrito, as arenas teriam de diâmetro cerca de 10,5 a 12 cm, mas para combates com mais assistentes as suas dimensões eram superiores, sendo habituais peças com 25 cm de diâmetro e, até, 25 ou 30 cm de altura.<sup>59</sup>

O acervo do M-CCCM detém três arenas cerâmicas e uma em bambu que se deviam



Fig. 8. Arenas de luta de grilos; início do século xx. Em cima: inv. 292, 14,3x21,3 cm., terracota; inv. 291, 14,5x21,7 cm., terracota vidrada (Shiwan?). Em baixo: inv. 138, 17,5x25,5 cm., bambu, possivelmente originária de Guangzhou; inv. 289, 16x23 cm, terracota vidrada. Museu do CCCM, Lisboa.

destinar a combates públicos dadas as suas dimensões<sup>60</sup> (*vide* Fig. 8). No entanto, ainda que escondida, existe também uma pequena arena metálica (*vide* Fig. 9), reservada, muito provavelmente, a combates particulares de cidadãos pouco abonados.

A peça que a integra é muito interessante pois, embora quando montada pareça apenas uma simples caixa cilíndrica com tampa, é um objecto bem mais complexo que evidencia a engenhosidade chinesa.

Na verdade, a caixa é constituída por três secções distintas que, quando acopladas, configuram uma caixa cilíndrica mas que, quando separadas, revelam uma tampa circular com borda alta e pega, um aro metálico e um conjunto constituído por uma base, idêntica à tampa mas sem a pega onde, ao centro, está soldado um cilindro oco. A conjugação dos vários componentes permitia que a peça tivesse funcionalidades múltiplas: pequena arena de luta caso apenas fosse usada a base com o cilindro soldado, arena de luta de maior dimensão se o aro metálico fosse colocado sobre uma superfície plana e caixa para transporte de arenas e pequenos utensílios, como as redes destinadas a impedir os grilos de fugir, quando montada.

Duas das arenas de luta da colecção do M-CCCM reflectem as, já referidas, preferências dos especialistas de Guangzhou e Hong Kong que privilegiavam materiais orgânicos, como a madeira ou o bambu (*vide* Fig. 8

Fig. 10. Espevitadores para grilos e seu estojo; início do século xx. Madeira e bigodes de lebre ou de rato, inv. 156. Estojo: 28,5x2,5 cm.; espevitadores, 24 cm. Museu do CCCM, Lisboa.



inv. 138), bem como a cerâmica de Shiwán (*vide* Fig. 8, inv. 291). Note-se, no entanto, que em todas as arenas cerâmicas do M-CCCM as paredes interiores são vidradas, ao contrário do que alguns autores afirmam relativamente às peças de Shiwán.<sup>61</sup>

Por seu turno, nenhum dos fundos das arenas do M-CCCM é vidrado. Esta característica decorre do facto de os aficionados pelas lutas de grilos considerarem que uma superfície dura, como a da cerâmica vidrada, prejudica as patas dos grilos tornando-os menos corajosos. Pelo contrário, uma superfície de certo modo irregular mas macia, tal como a cerâmica não vidrada ou uma mistura de cal e barro arenoso, era a preferida.<sup>62</sup>

As lutas de grilos eram, e aparentemente ainda são, muitas vezes organizadas por clubes mais ou menos informais cujos membros se reuniam regularmente em determinados lugares, durante o período de lutas que decorria entre Outubro e Novembro, no norte da China, e entre Junho e Julho, no sul.<sup>63</sup>

Uma litografia, de 1885, inserida no *Dianshizhai Huabao* 点石斋画报,<sup>64</sup> jornal considerado como uma fonte importante de informação social e cultural sobre a China Qing, ilustra um desses clubes (*vide* Fig. 2).

O texto que a acompanhava referia que todos os anos, em meados do Outono, um chinês já idoso convidava os seus amigos, aficionados das lutas de grilos, para as competições que organizava. Muito embora os prémios pecuniários pudessem atingir valores consideráveis, tanto ou mais ambicionado por todos era o registo da glória dos grilos vencedores que ficava gravado em placas que os imortalizavam.

Berthold Laufer alude, também, às placas comemorativas das vitórias, referindo que as mesmas eram de marfim, tinham a forma de cabaças e eram, frequentemente, inscritas a ouro. O júbilo pela vitória era grande, sendo esta festejada com música, toque de



Fig. 11. Caixão para grilo (2 vistas); início do século xx. Madeira, inv. 156, 4,5x10x4,4 cm. Museu do CCCM, Lisboa.

gongos, bandeiras, flores e uma procissão que acompanhava o vencedor até casa. A glória recaía também na comunidade onde o grilo vivia e a sua aldeia passava a usufruir de grande publicidade e notoriedade.<sup>65</sup>

Os vencedores de muitos combates eram honrados com títulos honoríficos e, quando morriam, eram colocados num pequeno caixão de prata e enterrados solenemente. Acreditava-se que aquela cerimónia traria sorte ao dono desolado e que na vizinhança do caixão surgiriam, no ano seguinte, excelentes lutadores.<sup>66</sup>

O caixão do M-CCCM (*vide* Fig. 11) é bem mais modesto, sendo executado numa madeira escura segundo o modelo dos caixões tradicionais chineses “de tábuas muito grossas que se ajustam apertadamente”,<sup>67</sup> sendo “mais estreitos nos pés e maiores e mais altos na cabeça, com a prancha superior arredondada e sobreposta aos lados, de modo a que se possa notar e ver a sua espessura”.<sup>68</sup>

Assim, até ao fim os chineses revelam, no dizer de Berthold Laufer, o carinho que nutrem por estes insectos, quer através dos infinitos cuidados que lhes dedicam, quer através das mais diminutas, delicadas e requintadas peças que a sua arte miniatural é capaz de criar.<sup>69</sup>

As peças do M-CCCM, embora simples e modestas, evocam uma longa tradição que, após um período de imposta exclusão, teve um renascimento fulgurante sendo hoje possível adquirir grilos nos mercados de animais de estimação, e de flores, de muitas cidades da China, como Xangai, Pequim, Hangzhou, Suzhou, Guangzhou, Tianjin, Lanzhou e Baotou, ou seja desde o sul da China até à região autónoma da Mongólia Interior.<sup>70</sup> RC



## COLECCIONISMO

## COLLECTING

## NOTAS

- 1 Cf. Jin Xing-Bao, "Chinese Cricket Culture". In *Cultural Entomology Digest*, 3, Nov. 1994. Online: [http://www.insects.org/ced3/chinese\\_crcul.html](http://www.insects.org/ced3/chinese_crcul.html) (2016-01-06 22:00).
- 2 Grilo é a designação comum de um tipo de insectos, semelhantes a gafanhotos, pertencentes à classe *Insecta*, ordem *Orthoptera* ("asas direitas"), sub-ordem *Ensifera* e família *Gryllidae*, que se caracterizam pelas longas antenas, pernas traseiras fortes e adaptadas ao salto e som estridente produzido pelos machos de muitas das espécies. Dentro da mesma classe, ordem, e sub-ordem, a família *Tettigoniidae* é a mais estreitamente relacionada com a *Gryllidae*, sendo os seus membros designados por *katydids* na América, Austrália e Nova Zelândia e, por "grilos do mato", na Europa. Cf. "Cricket (insect)" in *New World Encyclopedia*. Online: [http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Cricket\\_\(insect\)](http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Cricket_(insect)) e "Tettigoniidae" in *New World Encyclopedia* Online: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Tettigoniidae> (2016-01-13 21:00). Os machos dos grilos do mato, tal como os dos grilos, emitem som por estridulação. No entanto, é possível distinguir os dois insectos pelo som que emitem: o dos grilos é musical para o ouvido humano porque as suas frequências são relativamente puras e baixas, enquanto o dos grilos do mato é semelhante a um zumbido rouco, dado que as suas frequências são menos puras e mais elevadas do que as dos grilos. Existirão milhares de espécies de grilos do mato e algumas centenas de espécies de grilos. Cf. "How to recognize crickets, katydids, and cicadas", in *University of Florida*. Online: <http://entnemdept.ifas.ufl.edu/walker/buzz/i00dis.htm> (2016-01-16 22:00).
- 3 Outra espécie de grilo do mato.
- 4 Cf. Berthold Laufer, "Insect-Musicians and Cricket Champions of China". In *Antropology - Leaflet* 22, p.10. Online: <http://library.umac.mo/ebooks/b31042168.pdf> (2016-01-10 22:00).
- 5 Cf. Jin Xing-Bao, *op. cit.*
- 6 Como os *bonsai*.
- 7 Cf. Yutaka Suga, "Chinese Cricket-Fighting". *International Journal of Asian Studies*, 3 (1), 2006, p. 77. Online: <http://www.ioc.u-tokyo.ac.jp/~suga/papers/chinese%20cricket-fighting.pdf> (2016-01-03 15:00).
- 8 Luo Fu, "The Cricket's Song", in Michelle Yeh, N. G. D. Malmqvist (eds.), *Frontier Taiwan: An Anthology of Modern Chinese Poetry*, pp. 128-129. Tradução de John Balcom (Nova Iorque: Columbia University Press, 2001). O autor do poema, Luo Fu 洛夫 (1928-), licenciado pelo Departamento de Inglês da Unversidade de Tamkang, serviu como repórter naval de rádio e oficial de ligação em Taiwan e no Vietnam. A sua obra mais conhecida, *Death in the Stone Cell* (1964), é uma coleção de poemas que chocou e admirou os seus contemporâneos pela sua obscuridade e imagens selvagens. Luo Fu foi o fundador do *Epoch Poetry Quarterly* que exerceu uma profunda influência nos jovens poetas de Taiwan. Cf. Joseph S. M. Lau, Howard Goldblatt (eds.), *The Columbia Anthology of Modern Chinese Literature*, p. xxxvi.
- 9 A apreciação pelos seres da natureza, nomeadamente as flores, os pássaros e os insectos expressou-se também por um tipo específico de pintura praticado desde há séculos até aos nossos dias por grandes artistas como Qi Bashi 齐白石 (1863-1957), que também glosou a apreciação pelos grilos. Um outro exemplo da pintura de flores e insectos é o exemplar do Museu do CCCM (inv. 841) que se destinava ao China Trade.
- 10 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 7.
- 11 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 7.
- 12 *Ibidem*.
- 13 Embora haja quem se dedique à criação de grilos, ainda hoje muitos são apanhados nos campos. Esses exemplares são transportados em contentores simples, muitas vezes de vime, de formatos variados (*vide* Fig. 6).
- 14 Cf. Ho Chuimei, Lisa Adler, Bennet Bronson, "Ceramic Cricket Jars in the Field Museum". *Field Museum of Natural History Bulletin*, 60 (8), Sep./Oct. 1989, pp. 8-9. Online: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/25532#page/244/mode/1up> (2016-01-15 19:30).
- 15 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 80.
- 16 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 13. O "olho de dragão", *Nephelium longana*, é uma árvore de fruto nativa da Ásia, da família das *Sapindaceae*. Os seus frutos castanho amarelados e quase esféricos, são cosmestíveis, tendo adquirido a sua designação pela semelhança que apresentam, quando abertos, com um olho. Cf. "Longan" in *Encyclopaedia Britannica*. Online: <http://www.britannica.com/plant/longan> (2016-01-12 15:30).
- 17 Semelhante às usadas para caçar borboletas.
- 18 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 13. Essas gaiolas tinham formatos bem diversos. O Museu do CCCM detém dois exemplares cuja forma evoca uma garrafa (*vide* Fig. 6, inv. 142).
- 19 Os grilos necessitam de cuidados constantes. Os conhecedores consideram que os méritos dos grilos de luta dependem, trinta por cento do seu potencial e setenta por cento do seu nutrimento. Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 87.
- 20 Eleito Conselheiro Principal em 1259, foi demitido poucos meses antes da sua morte. Considerado pelos chineses como responsável pela queda da dinastia Song, a sua bibliografia *Songshi* 宋史 na (História Oficial da Dinastia Song) está incluída na secção "Biografias de Ministros Traidores". Cf. Frederick W. Mote, *Imperial China 900-1800*, p. 318.
- 21 Cf. Ho Chuimei, Lisa Adler, Bennet Bronson, *op. cit.*, p. 7. Online: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/25532#page/244/mode/1up> (2016-01-15 19:30).
- 22 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 17.
- 23 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 89.
- 24 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, pp. 17-18.
- 25 *Ibidem*, p. 21.
- 26 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 90.
- 27 *Ibidem*.
- 28 Os grilos de combate poderão ser verdes, pretos, amarelos e púrpura. No entanto, os verdes e os pretos são os preferidos. Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p.11.
- 29 Denominadas *huang*. Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 90.
- 30 *Ibidem*.
- 31 Há pesos-pesados, médios e pesos-pluma. Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 19.
- 32 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 90.
- 33 Denominadas "Divertimentos de Outono". Cf. Carol Hamond, "The Courtney Crickets". *Arts of Asia*, 13 (2), Mar-April 1983, p. 83.
- 34 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 19.
- 35 Instrumentos semelhantes a pincéis.
- 36 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 91.
- 37 *Ibidem*, pp. 90-91.
- 38 O grupo escultórico do Museu do CCCM apresenta os selos de dois mestres ceramistas: Lao Chin (1916-?) e Lao Iat Fung, pseudónimo de Lao Kwai Peng, segundo filho de Lao Chin. Como as lutas de grilos, de tão longa tradição, foram suprimidas no período compreendido entre a instauração da República Popular da China (1949) e o fim da Revolução Cultural (1976), Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 85, e voltaram a ser muito populares a partir de 1978, a peça deve datar do fim da década de 1970.
- 39 Cf. Jin Xing-Bao, A. L. Yen, "Conservation and the cricket culture in China". *Journal of Insect Conservation*, 2, 1998, p. 214. Online: <https://www.deepdyve.com/lp/Springer-journal/conservation-and-the-cricket-culture-in-china-OVL3tgtF6s/1> (2016-01-11 21:00).
- 40 Os chineses abastados empregavam, muitas vezes, especialistas para tratar dos seus grilos. Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 13.
- 41 Crê-se que este tipo de peças remonte à dinastia Ming (1368-1643). Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 14. Em Shanghai usa-se, normalmente, um destes contentores por grilo. Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 87.
- 42 Antigamente faziam-se crescer as cabaças dentro de moldes cerâmicos de modo a que ficassem com decoração em relevo. Essas cabaças, muito apreciadas pelos colecionadores, eram frequentemente fechadas por tampas, executadas em jade, sândalo, marfim, etc. e esculpidas em alto e baixo relevo representando um vasto leque de temáticas: dragões, temas florais muitas vezes imbuídos de simbolismo auspicioso ou, até, amuletos de protecção. Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, pp. 14-15 e Barry J. Solomon, "The Cricket Story". *Arts of Asia*, 14 (6), Nov-Dec 1984, p. 77.
- 43 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 15.
- 44 Cf. Jin Xing-Bao, *op. cit.*
- 45 Cf. Ho Chuimei, Lisa Adler, Bennet Bronson, *op. cit.*, p. 7.
- 46 Cf. Jin Xing-Bao, *op. cit.*
- 47 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p.16.
- 48 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 88.
- 49 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p.16.
- 50 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 88. Note-se, no entanto, que já no século xx, na zona sul da China as proteínas (peixe e outras espécies de insectos) faziam parte da dieta que incorporava, até, mel como tónico. Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p.16.
- 51 As duas taças do Museu do CCCM são diferentes, pertencendo a dois conjuntos distintos. Terão existido dois pares de taças no acervo das quais subsistem, ainda, fotografias antigas. Contudo, as peças não foram encontradas.
- 52 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 88.
- 53 *Ibidem*.
- 54 Dos quais o acervo do M-CCCM não tem exemplos.
- 55 Cf. Yutaka Suga, *op. cit.*, p. 88.
- 56 O M-CCM detém três redes com dimensões ligeiramente diferentes, pelo que encaixam umas nas outras. A rede inv. 139, a de maior dimensão, é visível na Fig. 9, em cima e à direita, enquanto imediatamente abaixo e também à direita, são visíveis os três exemplares uns dentro dos outros.
- 57 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 16.
- 58 Cf. Ho Chuimei, Lisa Adler, Bennet Bronson, *op. cit.*, p. 12.
- 59 *Ibidem*.
- 60 Nas cerâmicas, altura varia entre 14 e 16 cm e diâmetro entre 21,3 e 23 cm, enquanto a de bambu é o maior exemplar da coleção com 17 cm de altura e 25,5 cm de diâmetro.
- 61 As arenas em cerâmica de Shiwan tinham a forma de uma grande taça não vidrada no interior e com um vidrado verde no exterior Cf. Ho Chuimei, Lisa Adler, Bennet Bronson, *op. cit.*, p. 12.
- 62 Cf. Ho Chuimei, Lisa Adler, Bennet Bronson, *op. cit.*, p. 11.
- 63 *Ibidem*, pp. 9-10.
- 64 Em 1872, Ernest Major, um jovem empresário britânico residente em Xangai, havia dez anos, decidiu mudar o seu ramo de actividade, passando dos têxteis para os jornais de negócios. Juntamente com três outros investidores do seu país de origem, criou jornais que diferiam, totalmente, das publicações de língua estrangeira dirigidas aos negociantes e missionários que abundavam nos portos liberalizados pelas Guerras do Ópio. O *Shenbao* 申報, escrito em chinês para um público chinês, inspirou-se num modelo local muito antigo, o *Jingbao* 京報, que disseminava notícias governamentais importantes para os funcionários centrais e locais. Major, que editava a partir da Concessão Inglesa, contratou chineses, educados, como escritores e editores que orgulhosamente assumiam que o objetivo do seu trabalho era não só transmitir notícias, mas também permitir a expressão da "opinião pública". Em 1884, Major criou o *Dianshizhai Huabao* 点石斋画报, recebido a cada dez dias pelos seus subscritores, mas também disponível como publicação independente em volumes de 12 números. Cf. "The *Dianshizhai Pictorial* and Print Culture in Shanghai", in *Brown University: Brown East Asia Resources*. Online : <http://brown.edu/academics/east-asia-resources/introduction-dianshizhai-pictorial-and-print-culture-shanghai> (2015-02-21 18:00).
- 65 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 21.
- 66 *Ibidem*.
- 67 Cf. Álvaro Semedo, S. J., *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 147.
- 68 Cf. Nicolas Standaert, *The Interweaving of Rituals: Funerals in the Cultural Exchange between China and Europe*, p. 46.
- 69 Cf. Berthold Laufer, *op. cit.*, p. 26.
- 70 Cf. Cf. Jin Xing-Bao, A. L. Yen, *op. cit.*, p. 213.

## BIBLIOGRAFIA

- “Cricket (insect)”. In *New World Encyclopedia*. Online: [http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Cricket\\_\(insect\)](http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Cricket_(insect)).
- Hamond, Carol. “The Courtley Crickets”. *Arts of Asia*, 13 (2), Mar-April 1983, pp. 81-86.
- Ho Chuimei; Adler, Lisa, Bronson, Bennet. “Ceramic Cricket Jars in the Field Museum”. *Field Museum of Natural History Bulletin*, 60 (8), Sep./Oct. 1989, pp. 6-15. Online: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/25532#page/244/mode/1up>.
- “How to Recognize Crickets, Katydid, and Cicadas”. University of Florida. Online: <http://entnemdept.ifas.ufl.edu/walker/buzz/i00dis.htm>.
- Jin Xing-Bao. “Chinese Cricket Culture”. *Cultural Entomology Digest*, 3, Nov. 1994. Online: [http://www.insects.org/ced3/chinese\\_crcul.html](http://www.insects.org/ced3/chinese_crcul.html).
- ; Yen, A. L. “Conservation and the Cricket Culture in China”. *Journal of Insect Conservation*, 2, 1998, pp. 211-216. Online: <https://www.deepdyve.com/lp/Springer-journal/conservation-and-the-cricket-culture-in-china-OVL3tgtF6s/1>.
- Lau, Joseph S. M.; Goldblatt, Howard (eds.). *The Columbia Anthology of Modern Chinese Literature*, 2. ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 2007.
- Laufer, Berthold. “Insect-Musicians and Cricket Champions of China”. *Anthropology – Leaflet 22*. Chicago: Field Museum of Natural History, 1927. Online: <http://library.umac.mo/ebooks/b31042168.pdf>.
- “Longan”. In *Encyclopaedia Britannica*. Online: <http://www.britannica.com/plant/longan>.
- Luo Fu. “The Cricket’s Song”, in Michelle Yeh, N. G. D. Malmqvist (eds.), *Frontier Taiwan: An Anthology of Modern Chinese Poetry*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2012, pp. 128-129.
- Mote, Frederick W. *Imperial China 900-1800*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.
- Semedo, Álvaro, S. J. *Relação da Grande Monarquia da China*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau, 1994.
- Soloman, Barry J. “The Cricket Story”. *Arts of Asia*, 14 (6), Nov-Dec 1984, pp. 76-87.
- Standaert, Nicolas. *The Interweaving of Rituals: Funerals in the Cultural Exchange between China and Europe*. Seattle: University of Washington Press, 2008.
- “Tettigoniidae”. In *New World Encyclopedia*. Online: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Tettigoniidae>
- Yutaka Suga. “Chinese Cricket-Fighting”. *International Journal of Asian Studies*, 3 (1), 2006, pp. 77-93. Online: <http://www.ioc.u-tokyo.ac.jp/~suga/papers/chinese%20cricket-fighting.pdf>.

Desde que chegara a Macau em Abril de 2013, Francisco entregou-se a longos passeios pela cidade. Nas suas deambulações descobriu um jardim que lhe era quase homónimo, não fora o halo santo. O Jardim de São Francisco, entre a Rua da Praia Grande, a Rua Nova Guia e a Calçada dos Quartéis.

Em chinês chama-se Jardim dos Castelhanos (Jiasilan Huayuan 加思栏花园), por ter sido fundado por franciscanos castelhanos. Depois passou para a mão de franciscanos portugueses, até que em 1861, com a extinção das ordens religiosas, se tornou público<sup>1</sup> e o convento deu lugar a um quartel.

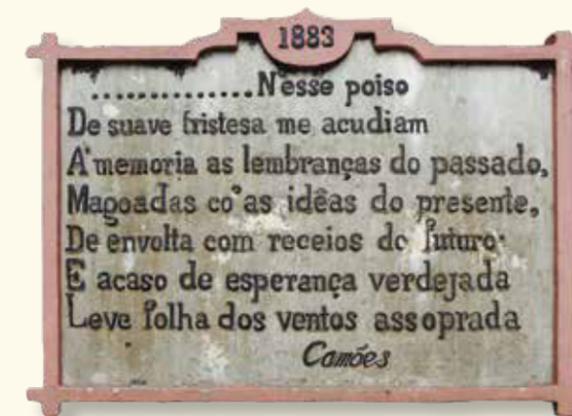
Mais tarde, o progresso continuaria a fazer das suas e o jardim começou a encurtar. Os primeiros cortes, ou melhor dizendo, as primeiras fachadas, vieram-lhe de uns aterros, a que se seguiu o desaparecimento do coreto, onde a alta sociedade se costumava reunir a ouvir música, para dar lugar a uma rua, a de Santa Clara.

\* Licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia, este último, em 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou em Macau no Instituto Politécnico de Macau e na Universidade de Macau como professora de Português Língua Estrangeira, de Cultura, Filosofia e de Tradução Chinês-Português. Tem várias obras publicadas nos campos da Filosofia, Tradução e Língua e Cultura Chinesas

Degree, M.A. and Ph.D. in Philosophy, the latter in 2005 from Lisbon University's Faculty of Arts. She worked in Polytechnic Institute of Macao and in The University of Macao as teacher of Portuguese as Foreign Language, Culture, Philosophy and Chinese-Portuguese Translation. She published works in the field of Philosophy of Culture, Chinese Translation and Language.

## Poesia em Macau (Escrita Criativa)

ANA CRISTINA ALVES\*



Mas que tinha a Santa a ver com a rua? Se tivesse bom ouvido musical, não teria por certo concordado em aliar o seu nome à demolição dum coreto.

O Jardim de São Francisco é considerado o primeiro de Macau, ainda que reduzido à sua expressão mínima, mantém-se junto ao Clube Militar, como que a enfatizar a presença dos portugueses nesta China do Sul.

Nada lhe falta do que é genuinamente português, ou melhor ibérico: primeiro, a mão religiosa que o fundou. Depois, o corpo militar que contribuiu para o manter e, por fim, até o lirismo expresso num belo poema de Camões.

Que teria sido dos portugueses do Extremo Oriente sem a força poética para os sustentar? Soldados ou não, à semelhança de Camões. Muitos deles mais soldados à força do que por verdadeira vocação. Perdidos no fim do mundo, por terem sido excluídos ou até praticado deliberadamente a autoexclusão do seu lugar natural, este último entre muitas aspas.

Camões tinha sido empurrado para o exílio por juventude e imprevidência ou por razões intrínsecas à sua própria natureza?

Fora obrigado a deixar o país ou este realmente nunca lhe pertencera? Quem o perseguiu: fora vítima de nobres malfetores ou do seu temperamento poético? Para estas questões não haverá resposta pronta e imediata, por mais voltas que demos à sua biografia.